

Igreja de São Domingos, a amizade com o padre Giacinto Giusiana

São Domingos, concluída nos primeiros anos do século XIV e consagrada em 1388, sofreu várias modificações. O campanário com cúpula, com janelas de arco único e duplo, foi finalizado em 1381, enquanto a fachada atual foi construída no século XV, assim como as portas de madeira do grande portal gótico. O interior é dividido em três amplas nave com pilares cruciformes cujos capitéis de pedra levam a data de 1317.

- O presbitério e o coro foram reestruturados no início do século XVII pelo arcebispo Carlo Broglia (t 1617).
- As pinturas laterais e os afrescos da abóbada, representando cenas do Evangelho e da vida de São Domingos, são obra de Moncalvo (1606). Ele também é o autor do quadro central acima do altar (1606-1608).
- O grande crucifixo, esculpido por Martino da Casale, é de 1522.
- À esquerda de quem olha para o presbitério, encontra-se a pequena capela de São Tomás de Aquino onde, em um relicário gótico, é conservado o cinto que, segundo a tradição, os anjos teriam entregue ao Santo após uma dura tentação vitoriosamente superada.
- À direita, em direção ao centro da construção, está a capela de Nossa Senhora do Rosário, onde atualmente é conservado o Santíssimo Sacramento.

No altar desta igreja, Dom Bosco, em 8 de junho de 1841, celebrou sua terceira missa após a ordenação, convidado pelo padre Giacinto Giusiana, que havia sido seu professor no curso de Gramática (1832-1833). Durante aquela missa, escreveu Dom Bosco, ele chorou de emoção. "Passei com ele todo aquele dia e posso chamá-lo de um dia de paraíso". Ao padre Giusiana também o ligava uma sincera gratidão por ter convencido a comissão que queria reprová-lo a deixá-lo repetir o exame sozinho. Sua prova havia sido anulada porque ele tinha sugerido as soluções aos colegas de exame.



Via da Paz, o gueto com a loja e a casa do livreiro Foa Elia

Via da Paz é particularmente importante porque nela se encontram os edifícios que constituíam o Gueto dos Judeus. Os judeus formavam uma comunidade importante em Chieri. O jovem Giovanni, livre de preconceitos e sempre animado por sentimentos de gentileza para com todos, entrou em contato proveitosamente com alguns deles durante sua estadia em Chieri. No gueto vivia o livreiro Foa Elia. Giovanni Bosco, estudante de Humanidades e Retórica, fez amizade com ele. Obtinha emprestado, a um soldo cada, os pequenos volumes da Biblioteca Popular Pomba, que lia vorazmente no ritmo de um por dia. "No ano da quarta ginásial — escreveria mais tarde — dediquei-me à leitura dos autores italianos. No ano de retórica, comecei a estudar os clássicos latinos e comecei a ler Cornélio Nepos, Cícero, Salústio, Quinto Cúrcio, Tito Lívio, Cornélio Tácito, Ovídio, Virgílio, Horácio Flaco e outros. Eu lia esses livros por diversão e os apreciava como se os tivesse entendido completamente". No mesmo lado, no edifício no final da rua, na esquina com a via di Albussano (com entrada pelo nº 14 da via da Paz) morava Giacobbe Levi, chamado Giona. Giona foi conquistado pela cordialidade e generosidade de Giovanni Bosco, tanto que em certo momento expressou o desejo de se converter ao cristianismo. Isso causou algumas dificuldades a Giovanni com a comunidade judaica e em particular com sua mãe. O rapaz foi batizado em 1834. Segundo o costume e os estatutos, a Confraria do Espírito Santo de Chieri inscreveu entre seus membros o recém-convertido e lhe atribuiu um subsídio de 400 liras, já que ele era expulso da comunidade de origem. O gueto inclui também a Sinagoga que se eleva acima do pátio no primeiro andar. O município de Chieri prevê adquirir e restaurar este elegante edifício atualmente não mais utilizado.



Seminário Arquiepiscopal, estudos teológicos 1835 - 1841

O Seminário de Chieri, terceiro da arquidiocese de Turim após o da capital e o de Bra, foi aberto em 1829 em um palácio que a família Broglia havia doado aos Filipinos. Aqui os padres tinham seu convento, de onde também cuidavam da igreja de São Filipe Néri anexa ao complexo. Em 1801, a comunidade foi suprimida e até 1828 o edifício foi utilizado para escritórios públicos. O belo relógio de sol do edifício atraiu a atenção de Giovanni Bosco e seu amigo Garigliano em sua primeira entrada. O lema "As horas passam lentamente para aqueles que estão tristes, rapidamente para quem está na alegria" foi imediatamente escolhido pelos dois como programa de vida. Dom Bosco frequentou de 1835 a 1841, completando os estudos de filosofia (dois anos) e teologia (4 anos). É interessante observar que o curso de teologia durava 5 anos, mas o jovem clérigo pediu e obteve permissão para fazer os exames do quarto ano estudando como autodidata durante as férias de verão. O longo período de estudos no Seminário forma o caráter de Dom Bosco e o molda como sacerdote, culturalmente preparado e generosamente orientado para o bem dos muitos que encontrará em seu apostolado em Turim. Quando terminou os estudos, a emoção foi grande, pois ele já havia se tornado o queridinho dos professores e seminaristas. Entre os episódios importantes para sua vida futura, lembramos:

- Durante as férias do primeiro ano de seminário (1835-1836), o jovem clérigo passa três meses no castelo de Montaldo Torinese, onde os padres Jesuítas haviam transferido de Turim os alunos internos do Real Colégio do Carmine, devido ao iminente perigo de cólera. Por indicação do padre Cafasso, Giovanni é convidado para dar aulas particulares de grego. Assim, tem a oportunidade de conhecer vários jovens pertencentes a distintas e nobres famílias piemontesas, com os quais mantém relações que lhe serão preciosas em seu futuro ministério.
- O segundo ano de teologia (1838-1839) é marcado dramaticamente pela morte do amigo Luigi Comollo (2 de abril de 1839, terça-feira de Páscoa), que tem apenas 22 anos. Na noite seguinte ao funeral, ocorre o famoso episódio da "manifestação" do falecido que revela estar salvo. As modalidades do evento assustam todo o dormitório e deixam o próprio Giovanni Bosco perturbado: "Foi a primeira vez que, em minha memória, eu tive medo: medo e pavor tal que, caindo em grave doença, fui levado perto do túmulo".
- Naquele segundo ano, Giovanni Bosco foi feito sacristão do seminário, "um cargo de pouca importância", instituído para cuidar da limpeza da igreja e garantir a ordem dos paramentos, mas também, como ele mesmo escreveu, "um precioso sinal de benevolência dos superiores", ao qual estavam anexados sessenta francos de compensação. "Assim, já gozava de meia pensão, enquanto o caridoso D. Cafasso providenciava o resto."



Praça Mazzini, centro de referências para Dom Bosco em Chieri

Subindo pela via são Filipe, no lado esquerdo da igreja, ladeia-se a bela fachada seiscentista em tijolo (modificada em 1780) do ex-convento filipino e chega-se à praça Mazzini, antigamente praça são Guilherme. Este lugar na primeira parte do século XIX era o coração da cidadezinha. Ali se encontrava a prefeitura e era animado por um vivaz mercado semanal e pelas duas feiras anuais de santa Bárbara e são Leonardo.

Na praça se encontram alguns edifícios ligados à lembrança da permanência de Giovanni Bosco em Chieri: a igreja de são Guilherme, a casa do teólogo Maloria, a casa onde ele morou com Lucia Matta, o palácio da cidade, a oficina do carpinteiro Barzochino.

A igreja de São Guilherme era antigamente sede da Confraria dos Disciplinados do Espírito Santo, que tinha também o objetivo de assistir os judeus convertidos ao cristianismo.

Em frente à igreja, morava o teólogo Giuseppe Maria Maloria (1802-1857), douto eclesiástico, cônego da catedral. Tinha apenas vinte e nove anos quando, em 1831, foi escolhido por Giovanni Bosco como confessor. O jovem estudante continuará a se confessar regularmente com o teólogo Maloria durante todo o tempo de sua residência em Chieri, mesmo durante os anos de seminário.

Na praça também se encontrava a casa Marchisio. Aqui, durante o ano escolar, residia uma amiga da mãe Margherita, Lucia Pianta viúva Matta. Nos anos 1831-1832 e 1832-1833 acolheu Giovanni por 21 liras ao mês. A soma, pagável também em espécie, era, no entanto, notável para a situação econômica dos Bosco. Giovanni então procurou contribuir para as despesas se empenhando de todas as formas nos pequenos trabalhos domésticos. Por sua conduta exemplar e judiciosa, logo ganhou a estima de Lucia, que lhe pediu para dar aulas particulares ao filho, já com vinte e um anos (note-se que eram frequentes os casos daqueles que iniciavam os estudos em juventude avançada). Os resultados foram satisfatórios, tanto que Giovanni obteve a isenção da pensão.

À esquerda da igreja de são Guilherme, no edifício que ladeia a praça, com fachada classicizante do arquiteto Mario Ludovico Quarini, tinha sede a prefeitura. Aqui permaneceu até 1842, quando foi transferida para o ex-convento de são Francisco, sede atual.

Da praça Mazzini, continuando além do ex-palácio cívico, entra-se na via são Jorge. O primeiro edifício à direita, com traços de arquitetura gótica, é o palácio Valfré, antigamente palácio Mercandillo. No térreo, nos ambientes fechados por grandes portões de madeira, encontrava-se a oficina do carpinteiro Bernardo Barzochino. Este pertencia a uma família de artesãos e artistas da madeira muito estimada em Chieri. Provavelmente é aqui que Giovanni Bosco vinha nos momentos livres para prestar seus serviços e aprender a arte de construir móveis. De fato, dom Lemoyne, que o aprendeu diretamente do Santo, escreve: "Em uma oficina de carpinteiros seus conhecidos, perto de sua habitação, aprendeu com grande facilidade a plainar, esquadrear, serrar a madeira, a usar o martelo, o cinzel, as brocas, de modo que se tornou hábil em construir móveis...".



Escolas Públicas, a amizade com professores e estudantes

Na via Vittorio Emanuele 45, encontra-se uma passagem que leva aos edifícios nos quais estavam localizadas as escolas públicas de Chieri. O município de Chieri havia comprado esses edifícios em 1829, após a destinação do ex-convento de São Filipe para uso do seminário. Em novembro de 1831, inauguravam-se os novos locais que abrigaram as escolas públicas até o ano escolar 1838-1839. Em novembro de 1839, as escolas foram transferidas para o palácio Tana.

No ano escolar 1831-1832, Giovanni é inserido na classe Sexta (com o professor teólogo Valeriano Pugnetti) pois a preparação recebida em Castelnuovo é avaliada como bastante lacunosa. Depois de dois meses, porém, é promovido para a Quinta (com o professor don Placido Valimberti) e ainda no mesmo ano passa para a classe Quarta (com o professor Vincenzo Cima). Era de fato costume que, quando um estudante demonstrava conhecer os conteúdos do programa de uma determinada classe, podia ser admitido na superior mesmo durante o ano escolar. Precisamente na classe do professor Cima ocorre o episódio em que Giovanni repete perfeitamente um trecho de autor latino recém-ouvido, como se o lesse do livro que, na realidade, não tem consigo.

Nos três anos seguintes frequenta, com sucesso, as classes de Gramática, Humanidades e Retórica. Com os professores estabelece ótimas relações:

- padre Giusiana, dominicano, tem sobre ele uma benéfica influência também a nível formativo. Dom Bosco, reconhecido, celebrará uma de suas primeiras Missas no convento do padre que o havia salvado da reprovação por ter passado a tarefa a alguns colegas.
- Giovanni lembrará em suas memórias também don Pietro Banaudi, verdadeiro modelo para os professores. "Sem nunca infligir qualquer castigo" — testemunha Dom Bosco — "conseguiu fazer-se respeitar e amar por todos os seus alunos. Ele os amava todos como filhos, e eles o amavam como um terno pai".
- Relações de estima recíproca ligam também Giovanni e seu homônimo professor de Retórica. O teólogo Giovanni Francesco Bosco que mais tarde contará aos Salesianos ter ficado admirado por ter visto o jovem Giovanni Bosco que capinava a vinha de seu senhorio; enquanto, segurando um livro aberto apoiado em um ramo, estudava a lição.

A amizade mais bela deste período é aquela com Luigi Comollo, que frequenta as escolas públicas de Chieri desde o ano escolar 1834-1835. Frágil fisicamente, mas de grande riqueza espiritual, ele tem um papel importante na maturação do jovem Bosco, que afirma: "Eu o tive sempre como íntimo amigo, e posso dizer que com ele comecei a aprender a viver como cristão". Giovanni, por sua vez, se faz seu defensor contra os abusos dos colegas, recorrendo uma vez até mesmo às maneiras fortes. Graças também a esta amizade ele descobre sua orientação vocacional e adota um sistema de vida mais condizente com ela. O gosto pelos contatos pessoais e pela amizade impele Giovanni a se tornar disponível para todos. Em particular, é solicitado para aulas particulares também por colegas de classes superiores. Sua paciência, o inato "instinto" didático e seu caráter cordial obtêm bons resultados, e não só no campo escolar.



Praça Cavour, a sociedade da Alegria

Prosseguindo pela via Vittorio Emanuele em direção a Turim, chega-se à praça Cavour, conhecida no século XIX como praça d'Arme. Provavelmente já no ano 1831-1832 nesta praça Giovanni Bosco faz nascer a "Sociedade da Alegria", com um nome evocativo de instituições semelhantes que naqueles anos proliferavam em todos os âmbitos: pense-se nas sociedades secretas de inspiração patriótica, mas também nas sociedades de caráter literário e religioso.

Escreve dom Bosco: "Para dar um nome àquelas reuniões de jovens e rapazes costumávamos chamá-las Sociedade da Alegria: nome que muito bem convinha, pois era obrigação estrita de cada um procurar aqueles livros, introduzir aqueles discursos e brincadeiras que pudessem contribuir para estar alegre; ao contrário, era proibida toda coisa que causasse melancolia, especialmente as coisas contrárias à lei do Senhor. Quem, portanto, tivesse blasfemado ou nomeado o nome de Deus em vão, ou feito maus discursos, era imediatamente afastado da sociedade. Encontrando-me assim à frente de uma multidão de companheiros, de comum acordo foi estabelecido como base: 1º Cada membro da Sociedade da Alegria deve evitar todo discurso, toda ação que desdiga de um bom cristão; 2º Exatidão no cumprimento dos deveres escolares e dos deveres religiosos.

Na praça à direita, na parte alta, encontra-se a bela igreja de São Bernardino, construída nos primeiros anos do século XVII. Em frente, a igreja de Santo Antônio Abade, com a fachada na via Vittorio Emanuele, delimita o espaço. Trata-se de uma adaptação barroca realizada pelo bielhês Giuseppe Giacinto Bays (1767) sobre uma construção gótica anterior da qual resta o campanário (1445). Uma lápide no lado da igreja recorda a presença de Giovanni com os amigos da Sociedade da Alegria nos catecismos da igreja.



À esquerda, no lado sul da praça Cavour e na esquina entre a via Vittorio Emanuele e a via Palazzo di Città, estava aberto um hotel chamado do Muletto (hoje café Nazionale). Nos lembra a alegre conclusão de um épico desafio entre o jovem Bosco e um saltimbanco. A competição, desejada pela insistência dos amigos estudantes, desenvolve-se ao longo da avenida de Porta Torinese em quatro momentos: corrida, salto, varinha mágica e escalada na árvore. Giovanni supera o saltimbanco em todas as provas e ganha a notável quantia de 240 liras. Para não arruinar o coitado, que vê esvair-se todas as suas economias, devolve-lhe o dinheiro com a condição de que este ofereça um almoço a ele e aos amigos da Sociedade da Alegria. O saltimbanco aceita de bom grado e convida Giovanni e seus companheiros (vinte e duas pessoas no total) ao hotel do Muletto.

Café Pianta, o vão sob a escada de tantas noites de estudo e trabalho

A poucos passos da praça Cavour, na casa Vergnano, encontra-se o café Pianta. Giovanni Pianta, irmão de Lucia viúva Matta, originário de Morialdo, no outono de 1833 vem a Chieri e abre um café com sala de bilhar anexa. Ele, devendo iniciar seu negócio, insiste com a mãe Margherita para que Giovanni venha morar com ele e o ajude nas múltiplas necessidades de um estabelecimento público.

O café Pianta é composto por duas salas, uma aberta para a via pública e a outra, usada como local para o bilhar e o piano, situada em direção ao pátio interno. Os dois ambientes são ligados por um vão de passagem (com cerca de 3,50 metros de comprimento), encostado a uma escada, no qual se encontra também um pequeno forno de tijolos para a preparação do café e dos doces. Nesta espécie de corredor abre-se um vão sob a escada de pequenas dimensões, no qual é colocada a cama de campanha de Giovanni.

No café Pianta Giovanni não recebe salário, mas apenas a hospedagem, um prato de sopa e o tempo necessário para poder estudar. A mãe, como é costume naquela época, lhe providencia de casa pão e refeição, mas as dificuldades econômicas não lhe permitem enviar dinheiro. Para se vestir, obter parte da alimentação e o necessário para a escola, Giovanni deve contentar-se com o pouco dinheiro arrecadado dando algumas aulas particulares.

Às dificuldades daquele período deve-se acrescentar o fato de que em 1933-34 Giovanni está exausto pelo prolongamento da escolha vocacional que atinge os momentos mais críticos e atormentados: em março Giovanni decide entrar na Ordem franciscana e é admitido, mas depois suspende a decisão na espera de um discernimento mais claro. Além do estudo e dos compromissos de trabalho no café, sua generosidade o impele a tornar-se útil a todos: leva todos os dias a água tirada do poço ao velho don Arnaud que mora nos andares superiores da casa; ajuda nas tarefas um grupo de seis ou sete rapazes que estão hospedados na pensão do veterinário Torta em uma casa ali ao lado. Ao mesmo tempo, recebe também ajudas e apoio de pessoas que lhe querem bem, como Giuseppe Blanchard que lhe faz ter frutas para complementar a escassa alimentação.

Domenico Pogliano, sineiro da catedral, que admira Giovanni por sua fervente devoção e seu apostolado entre os coetâneos, dá-se conta das condições insalubres do leito de Giovanni Bosco e o convida a aproveitar sua habitação para poder estudar mais comodamente.



Instituto Santa Teresa, uma sede para as filhas de Maria Auxiliadora

As Filhas de Maria Auxiliadora trabalham neste edifício, com um Oratório e uma escola para meninas, desde 1878, enviadas por Dom Bosco e por santa Maria Domingas Mazzarello. Os cônjuges Carlo e Ottavia Bertinetti (madrinha de Batismo de Giona) em 1868 haviam deixado em herança a Dom Bosco sua casa, com o terreno circundante, para que ali abrisse uma obra em favor dos jovens de Chieri. Mas a oposição do pároco da catedral impediu a fundação.

O Oratório masculino, então, foi organizado nas dependências da paróquia de São Jorge. Em 8 de dezembro de 1876, o próprio dom Bosco inaugurou um pequeno oratório feminino na casa Bertinetti, e abençoou uma estátua de Maria Auxiliadora, até hoje venerada no Instituto Santa Teresa. A estátua é um presente do santo, o qual, ao apresentá-la, disse: "Por ora vos envio a Mãe, depois virão as Filhas". Dois anos depois, de fato, as Filhas de Maria Auxiliadora tomaram posse da casa assumindo a direção do Oratório e abrindo nele um colégio. Com o passar dos anos, o Instituto tornou-se casa de formação das Irmãs de Maria Auxiliadora.

Hoje a original casa Bertinetti não existe mais. Dos antigos edifícios resta apenas uma vasta sala do século XV, com teto de caixotões decorado com os brasões que remontam aos cruzados de Chieri.

Antigamente a casa era ligada ao vizinho palácio dos Tana, família à qual pertencia a mãe de São Luís Gonzaga. O nobre Santo habitou por certo período em Chieri, hóspede dos avós. São Luís sempre foi venerado em Chieri com particular devoção: no século XIX era apresentado aos estudantes como modelo de vida cristã e de virtude juvenil. Nas escolas públicas sua festa era marcada por uma novena de preparação, por solenes funções religiosas e por uma academia literária e musical. Dom Bosco manterá esta devoção, propondo-a novamente aos seus jovens.



Catedral e capela das Graças, luz para a própria vocação

A Catedral foi construída entre 1405 e 1435, no lugar de uma igreja anterior edificada no século XI sobre as ruínas de um templo pagão. No lado direito sobressaem o campanário com janelas de arco único e duplo (erguido entre 1329 e 1492) e o batistério, reformado no século XV, mas construído sobre um batistério paleocristão. O interior é riquíssimo em testemunhos artísticos de todos os séculos. Assinalamos apenas — para os fins da história juvenil de Dom Bosco — a quarta capela à esquerda, dedicada a Nossa Senhora das Graças.

A capela foi construída por voto, feito pelo conselho municipal em 2 de agosto de 1630 por ocasião da famosa peste "manzoniana". A atual estrutura arquitetônica é obra de Bernardo Antonio Vittone (1757-1759), embelezada em 1780, terceiro cinquentenário do voto. A estátua de madeira (1636) é de Pietro Botto da Savigliano (1603-1662); os quadros laterais, que representam cenas da peste, são do ticinese Giuseppe Sariga (t 1782). Ainda hoje, todos os anos desde o tempo do voto, as autoridades municipais prestam homenagem à Virgem, no dia de sua festa, com o canto da Salve Regina.

Giovanni Bosco, estudante da escola pública, todos os dias, manhã e noite, vem rezar diante desta estátua, lembrando da recomendação da mãe: "Sê devoto de Nossa Senhora!". Rezando nesta capela junto com o amigo Comollo obtém luz para discernir a própria vocação. Conta-nos, de fato, o Santo: "Como os obstáculos eram muitos e duradouros, decidi expor tudo ao amigo Comollo. Ele me deu o conselho de fazer uma novena durante a qual ele escreveria ao seu tio pároco. No último dia da novena, em companhia do incomparável amigo, fiz a confissão e a comunhão, depois ouvi uma missa e servi outra na catedral no altar de Nossa Senhora das Graças. Fomos então para casa e encontramos uma carta de D. Comollo concebida nestes termos: - Consideradas atentamente as coisas expostas, eu aconselharia o teu companheiro a adiar a entrada em um convento. Vista ele o hábito clerical, e enquanto fizer seus estudos conhecerá melhor o que Deus quer dele...".

Em 9 de junho de 1841, no altar de Nossa Senhora das Graças, sacerdote novato, dom Bosco celebra sua quarta missa.

Do lado oposto, o Batistério da Catedral é um cofre que conserva numerosos tesouros artísticos e, ao mesmo tempo, recobre os restos que testemunham o antigo culto cristão. O atual edifício, de planta octogonal, foi construído em duas fases: primeiramente nos tempos do bispo Landolfo (século XI, estilo românico), e posteriormente elevado quando foi reconstruída a Catedral (1405-1436, estilo gótico). A parte baixa da muralha, mais antiga, tem alguns traços em "espinha de peixe", com a reutilização de tijolos provenientes de edifícios de época romana. Um esplêndido ciclo de afrescos orna a faixa alta das paredes. Representa a "Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João" e é obra do pintor de Chieri Guglielmetto Fantini, que a afrescou por volta de 1435. Partindo da Ressurreição de Lázaro, e movendo-se para a direita, encontram-se: A entrada de Jesus em Jerusalém, A última ceia, O lava-pés, Judas recebe os trinta dinheiros, A oração no Getsêmani, O beijo de Judas, Jesus diante de Anás, Jesus diante de Caifás, Jesus diante de Pilatos, A flagelação, Jesus diante de Herodes, A coroação de espinhos, Pilatos lavando as mãos, A crucificação.

